

UMA OFERENDA A YEMANJÁ: A RELIGIOSIDADE PRESENTE NA FESTA DE 1º DE JANEIRO NAS PRAIAS CARIOCAS.

PALITOT, Fernanda Souto Maior (UERJ/NEPEC)

A pesquisa, em fase inicial, faz parte de um estudo maior sobre cultura e religião proposto pelo NEPEC / UERJ. O NEPEC representa um núcleo pioneiro no Brasil, que vem ao longo de seus 14 anos de existência estudando e pesquisando sobre espaço e cultura. A criação do NEPEC pela professora doutora Zeny Rosendahl vem gerando, ao longo desses anos, inúmeros trabalhos que buscam entender como as manifestações culturais imprimem suas marcas no espaço. O NEPEC promove também, simpósios onde ocorrem discussões acadêmicas profundas no campo da geografia, a publicação da Revista “Espaço e Cultura” que tem como finalidade divulgar os estudos da dimensão cultural na organização do espaço, e a coleção Geografia Cultural cuja editora é a EdUERJ que atualmente conta com treze publicações, além do livro *Introdução à Geografia Cultural* de publicação da Bertrand Brasil. A Criação do NEPEC em 1993 retoma no Brasil os estudos dentro da Geografia Cultural. A Geografia, assim como outras ciências, possui diferentes períodos onde uma determinada corrente se destaca sobre a outra. Os estudos em Geografia Cultural, que se iniciou no princípio do século passado, também conheceu dois períodos fortes. A Geografia Cultural, no Brasil, na década de 80, tenta compreender como o fenômeno cultural ocorre espacialmente. Assim como as outras correntes geográficas, a Geografia Cultural permite o estudo dos cinco conceitos-chave geográficos para embasar os seus estudos. Os cinco conceitos-chave são: espaço, lugar, território, paisagem e região. O nosso estudo irá privilegiar os conceitos de espaço e lugar.

Dentro desta abordagem é possível estudar a religião e o espaço. Busca-se entender como a experiência religiosa é vivida espacialmente (Rosendahl, 1993). Esta linha de pensamento encontrou muitas resistências, pois muitos geógrafos não viam ligação entre a religião e o espaço. No entanto, conforme afirma Rosendahl (1995) sabemos que toda a manifestação religiosa precisa de algum espaço para ser executada, o que a torna legível geograficamente.

Nosso estudo pretende reconhecer as oferendas para Yemanjá e o seu valor simbólico na oferta de 1º de Janeiro, na orla carioca. O objetivo é analisar e interpretar os lugares onde são feitas as oferendas para esse Orixá e como esses espaços vêm se modificando ao longo do tempo.

É preciso, no entanto, entender que a vivência religiosa é também realizada em uma festa civil. Por isso em nosso trabalho, além do conceito utilizado para definir espaço e lugar sagrado, também teremos de trabalhar com o conceito de festa.

De acordo com Ferreira (2003:09), *“a festa permite detectar os signos espacializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos espaciais específicos. Ela torna possível a produção de símbolos territoriais que se estendem além do seu desenvolvimento. A essência festiva se define, deste modo, a partir da interpenetração do evento sócio-cultural com os lugares que lhe dão espaço.”*

O religioso se faz presente na liturgia da compra da oferenda e no ato da entrega. Logo após a entrega, o momento da religiosidade é concluído, e a festa assume o seu caráter profano. Geograficamente falando, o espaço religioso se faz presente no ato da entrega da oferenda, em seguida este passa a ser um espaço não sagrado. Assim espaço e tempo possuem um simbolismo somente para o devoto envolvido, pois o simbólico é singular.

Oferenda a Yemanjá 01/01/2006 – praia da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro.



foto: Fernanda Souto Maior Palitot.

A festa de Ano Novo ficou popularmente conhecida como a festa à Yemanjá, mas na verdade, todos os Orixás são homenageados nesse dia para se ter à benção de um Ano Novo mais próspero. No entanto, Yemanjá é a mais celebrada nesse dia por que a festa é realizada nas praias, que assim como todas as águas, inclusive as salgadas, pertencem a esse Orixá, que é a divindade afro-brasileira mais popular do país hoje.

Para entender um pouco mais sobre a importância de Yemanjá dentro da religião afro-brasileira, de acordo com a interpretação que muitos estudiosos fizeram de suas histórias, um dos mitos escritos por Pierre Verger sobre essa divindade relata:

Conta à tradição dos povos iorubás (atual Nigéria), que Iemanjá era a filha de Olokum, deus do mar. Em Ifé, tornou-se a esposa de Olofin-Odudua, com o qual teve dez filhos, todos orixás. De tanto amamentar seus filhos, os seios de Yemanjá tornaram-se imensos. Cansada da sua estadia em Ifé, Yemanjá fugiu na direção do “entardecer-da-terra”, como os iorubas designam o Oeste, chegando a Abeokutá. Yemanjá continuava muito bonita. Okerê propôs-lhe casamento. Ela aceitou com a condição que ele jamais ridicularizasse a imensidão dos seus seios. Um dia, Okerê voltou para casa bêbado. Tropeçou em Yemanjá, que lhe chamou de bêbado

imprestável. Okerê então gritou: "Você, com esses peitos compridos e balançantes!" Ofendida, Yemanjá fugiu. Okerê colocou seus guerreiros em perseguição e Yemanjá, vendo-se cercada, lembrou que tinha recebido de Olokum uma garrafa, com a recomendação que só abrisse em caso de necessidade. Yemanjá tropeçou e esta quebrou-se, nascendo um rio de águas tumultuadas, que levaram Yemanjá em direção ao oceano, residência de Olokum. Okerê, tentou impedir a fuga de sua mulher e se transformou numa colina. Yemanjá, vendo bloqueado seu caminho, chamou Xangô, o mais poderoso dos seus filhos, que lançou um raio sobre a colina Okerê, que abriu-se em duas, dando passagem para Yemanjá, que foi para o mar, ao encontro de Olokum.

As descrições são variadas, mas há um predomínio de que a Yemanjá usava roupas cobertas de pérola, tem filhos no mundo inteiro e está em todo lugar onde chega o mar. Seus filhos fazem oferendas para acalmá-la e agradá-la. Yemanjá, Odô Ijá (rainha das águas), nunca mais voltou para a terra. Ainda existe, na Nigéria, uma colina dividida em duas, de nome Okerê, que dá passagem ao rio Ogun, que corre para o oceano.



Imagem representativa de Yemanjá

Em nossa pesquisa empírica, os locais onde são feitas as entregas das oferendas a Yemanjá, vêm se modificando ao longo do tempo na orla carioca. Esta mudança está ocorrendo de forma acelerada e com algumas características próprias a cidade do Rio de Janeiro. Uma forte hipótese do porquê dessa mudança é o turismo intenso que algumas praias recebem para a festa de Réveillon. Copacabana é o

exemplo máximo, pois recebe cerca de dois milhões de pessoas em sua orla. A prefeitura do Rio de Janeiro, com a justificativa de facilitar o andamento da festa civil, pede então aos fiéis que entreguem as suas oferendas antes da festa da virada de ano. Muitos fiéis e sacerdotes rejeitam este pedido, pois a oferta antes do dia 1º de janeiro romperia com a tradição e com a religiosidade da entrega da oferenda. A opção encontrada para muitos dos fiéis é a mudança de lugar de praia onde a oferta será entregue, a preferência recai nas menos movimentadas. Isto, no entanto, não significa que não mais existem oferendas para Yemanjá em Copacabana, mais sim que este número foi reduzido. A título de exemplo, trago uma entrevista feita a um devoto, que ia a praia quando criança para assistir aos fogos de ano novo. Era costume ir andando do Leblon à Copacabana e no caminho ele observava um grande número de pessoas vestindo roupas-de-santo e fazendo uma roda de candomblé e umbanda para reverenciar os Orixás. Essas rodas que mais pareciam um “mini-terreiro” estavam presentes nas três praias que percorria, diminuindo de intensidade no sentido Leblon – Copacabana. Hoje, 2006, já não se vê mais em Copacabana e Ipanema e no Leblon uns poucos ainda permanecem.

Procedeu-se então as entrevistas aos pais e mães-de-santo para saber onde eles realizavam o ato da oferenda à Yemanjá e a maioria respondeu que era na praia do Recreio dos Bandeirantes, tendo como justificativa de ser lá o lugar mais tranquilo.

No entanto, tal ato não é considerado religioso para o devoto. Percebe-se também uma atitude de devoção por parte dos não religiosos. Pois, não é só o povo-do-santo que vai a praia ofertar para Yemanjá, muitos que nem conhecem a religião afro-brasileira fazem oferendas ou apenas compram uma rosa branca na praia para pedir proteção no ano que está para começar. Na maioria das praias cariocas, incluindo as mais movimentadas como Copacabana e Ipanema, é comum encontrar camelôs vendendo rosas e outros artigos religiosos no tempo da festa junto com outros que vendem bebidas alcoólicas e comidas.

Ambulante vendendo rosas e palmas brancas – Copacabana 01/01/2007



Camelô na beira da praia também vendendo rosas e palmas 01/01/2007



Fotos: Fernanda Souto Maior Palitot

A análise deve ser diferenciada para o praticante das religiões afro-brasileira para o fiel que está ofertando um agrado a Yemanjá. Para o primeiro, a festa é vista sob o ponto de vista apenas religioso. Ele deve ir a praia e saudar todos os Orixás e em especial Yemanjá, pois ele está na praia e por isso ela merece uma reverência maior. A oferenda nesse caso foi preparada com antecedência, teve todo um cuidado para saber o que esse Orixá mais gosta e os pedidos, na maioria das vezes, vêm por escrito, incluindo os daqueles que por algum motivo não puderam comparecer, mas ajudaram na compra e preparação da oferenda.

No segundo caso, observamos oferendas mais simples, onde o fiel pode ter comprado apenas na hora o seu presente. A festa para ele assume um caráter civil maior do que o religioso. No entanto, a religiosidade está presente no ato de entrega e compra da oferenda.

Para o primeiro caso o espaço é sempre religioso do ponto de vista do fiel. Para o religioso a praia tem duplo simbolismo, o de pertencimento religioso e a presença da divindade no lugar. O balneário transcende então a sua condição como tal e adquire um valor simbólico-religioso que pode ser considerado como Bonnemaison (2000) um geossímbolo.

No segundo caso, antes da entrega da oferenda temos um espaço que não é religioso, pois é o espaço da festa civil. No momento da entrega da oferenda o espaço deixa de ser profano, isto é, perde seu caráter de cotidiano e adquire qualidades de lugar religioso. Findando o ato da oferenda o lugar religioso volta a ser um espaço

profano e a festa volta a assumir o seu caráter civil. Lembrando sempre, que a manifestação é subjetiva. É o devoto que qualifica, no tempo e no espaço o lugar sagrado. (Rosendahl 2003).

Oxalá este estudo encontre as marcas tanto da vivência religiosa, quanto da forte presença da religião afro-brasileira na festa mundialmente realizada na cidade do Rio de Janeiro. A religião e a geografia ocorrem no espaço e ambos são produzidos no tempo e no lugar.

Bibliografia:

BONNEMAISON. J. [2002(1981)] Viagem em torno do território. Org. CORRÊA. R.L. e ROSENDAHL.Z. Rio de Janeiro. EdUERJ. pp. 83-132.

FERREIRA. L. F. O Lugar Festivo – A festa como essência espaço-temporal do lugar. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, nº 15, pp. 7-21. Jan/Jun. 2003

ROSENDAHL, Z. Geografia e Religião: Uma proposta. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, nº1 pp. 45-74. Outubro 1995.

_____. Espaço e Religião: Uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro EdUERJ, 1996.

_____. Construindo a geografia da religião no Brasil. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, nº15 pp. 61-67. Jan/Jun. 2003.

VERGER. P.V. Lendas Africanas dos Orixás. Salvador. Corrupio, pp. 50-51.1997.